

RENA SCENCA

N.º 26.

FOLHA LITTERARIA

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR MEZ

ASSIGNATURAS

PROVINCIAS

Por tres meses	25000
Por seis	35000

ASSIGNATURAS

CORTE

Por tres meses	1500
Por seis	2500

Santos Junior, Avellar Andrade, Athanasio de Almeida
Teixeira Duarte.

REDACÇÃO — RUA DE S. CLEMENTE 138

ANNO I

RIO DE JANEIRO, 21 DE AGOSTO DE 1878

NUM. 1

RENA SCENCA

Rio, 21 de Agosto de 1878.

E' uma ousadia, talvez, resolvemos conçagar esta tão longa quanto perigosa jornada, mas é uma esperança que nasce e uma crença que vive!

Essa resolução não é mais que a consequência de uma inspiração sublime e de um sentimento puro e ao mesmo tempo patriótico: o amor às letras.

Amar as letras é amar a pátria; cultivar a inteligência é engrandecê-la, descobrir-lhe mais largo horizonte e construir-lhe um pedestal que a leve ao apogeo de sua grandeza!

O cultivo da inteligência, podemos dizer, é a força das peças, o caminho da glória e a porta da imortalidade.

Cultivemo-la, pois, procurando a instrução, visto ser ela o verdadeiro motor do progresso, e o homem sem ella um perfeito automato!

Procuremo-la porque só ella eleva o homem, enobrece sua alma e suaviza o mais ríspido carácter.

Esse amor, pois, pela instrução albergou-se em nossas corações varonil, e o desejo de aquela impulsionou-nos a dar este arrisgado passo, publicando este nosso pequeno trabalho que os amigos chamam — um jornal.

Ardua, difícil é a tarefa, nos o sabemos; mas que fazer? Qual o elemento que pode levar avante o trabalho e somente o trabalho.

Somos nós, pois, espíritos luctuosos, que hoje nos apresentamos na vasta arena do

jornalismo, não para defender uma idéa política, mas um interesse, e esse interesse é a instrução que procuramos.

E' uma lembrança do seculo XVI e homenagem que humildemente rendemos aos grandes vultos que nessa era ergueram a humanidade da náda a que estava reduzida!

E' um desejo inocente o continuarmos a obra desses grandes homens, que nessa época em que o carácter era uma hypothese, a tyrannia uma hyperbóle, tiveram a verdadeira coragem de arrestar a pestis, a fome, os horrores da guerra, o despotismo do feudalismo para fazerem resuscitar as letras, sciencias e artes.

Lembremo-nos dessa época celebre [redacted] tante na historia das poesias; lembremo-nos de Machiavel, Tasso e Rousseau, de Miguel Angelo, Raphael e Vinci, e admiraremos a grande renascença!

D'ahi a nova ordem das cousas e o progresso moral e intelectual do homem; d'ahi o desejo de nos crearmos.

Assim, pois, à essa arena em que tão illustre e gloriosos gladiadores tom lutado e lutam, nós iniciantes colher louros que de antea-não vemos que não merecemos, mas procurar uma luta que seja compatível com os nossos fies.

Compre, porém, acrescentar que antes de resolvemos dar definitivamente à publicidade este nosso pequeno jornal litterario, tínhamos

previsto a critica a que estariamos sujeitos. Não desfazemos, e firmes e resolutos temos sobre nossos homens a pesada tarefa de redigir um jornal, porque a critica que nos for feita por homens ilustrados e sensatos, essa ser-nos-ha

util e proveitosa; e a que emanar dos zoilos, sítios, deixal-a-hemos seguir sua rotina de destruição.

Estabelecido o nosso programma e tendo em vista o fim a que nos propomos, esforçar-nos-hemos por agradar ao publico a quem temos a honra de apresentar o *Renascença*, que espera merecer a protecção de que o julgarem digno.

LITTERATURA

O Rio de Janeiro é uma das cidades deste vasto imperio onde mais abundão jornaes litterarios de pequeno formato.

Elles são semelhantes às borboletas que adejam e pululam por toda parte.

Como estes pequenos elados insectos são variados: uns ostentam em seu estylo as cores da opala, outros as do azul do céo, outros as do arco-iris, outros as da noite, e outros ainda cores duvidosas, sem expressão.

Como as borboletas tambem só vivem: *Les pas d'un matin*, como a rosa de Malherbe.

Muitos até ao saírem das crysalidas parecem arrebatados pelas turbinhas pegões de vento que saíram o seu nascimento.

Singular audácia! ...

Porém, como as borboletas, não deixam de existir.

Morrem nos, outros surgem como por encanto. Na arena ha sempre batalladores.

Ainda bem.

tudo rejuvenescer, e tudo aneisca, imprindo nos labios della um osculo de morte e um rai de solha desbotou a face linda e pura.

Bem me lembra ainda.

Seria impossivel eliminar-lhe a imagem do espelho da minha memoria: esquecer-me dos brinquedos da nossa infancia tão alegres, suaves e inocentes.

Contava eu sózito annos e ella sete. — Já então nessa íntima amizade se tinha arreigado tanto e eram tão apertadas suas luços como se vivessem de ha muito.

Eu para ella e ella para mim, julgavamo-nos ser dois entes que haviam dormido no mesmo berço, e recebido em nossos labios os beijos de uma só mãe.

FOLNET. III

ELLA!

por

SANTOS JUNIOR

Como é bello ir a altas horas da noite divagar, tendo por companheiras apenas a brisa que figura e docemente segui seu sopro de matsuoso os arbustos em flor, a lúa cheia, que no seu meditar de tristeza, nos beija o rosto, com palidos reflexos e emfim a juntly mimo no longe gorgieando arias de melancolia e amor!

E' entido que a phantasia, acordando do torpor e do adormecimento em que o dia a veio mergu-

lhar, libra as asas e voando se remonta além pelo espaço em busca de tua mundia que ella deseja e ama, que ella amea e quer, embora a luz da razão lhe brade lá do intimo — que tal mundo é chimerico.

E eu von muitas vezes, enojado do presente, recostar-me à sombra do passado, aspirando a balagão de uma tenra e fria esperança que o futuro me envia — E, quando um a outro, não encontro confiança neste e nascem-me saudades daquelles Ali! Que tão rapido se faz o sol dos meus dias de felicidade.

E é na estação das flores, na quadra do universal amor, que o espílio que ella me deixou no espírito punge mais agudo o acero e meu coração. Porque a primavera, que tudo aviventa,

Não são sómente os pequenos jornais, esses que apenas bocejam, que procuram instruir-se e temer, a medo, um modesto e obscuro lugar na comunhão das letras, que tem sido ephemera, os mesmos que são firmados por nomes de reñido mérito perecem de inaução.

Entretanto, pensamos, que deviam ser recebidos de braços abertos pelo público.

O público devia cobrir-os de flores.

Estes, porque nelles encontra uma fonte lustral e inexgotável de instrução.

Aqueles, porque representam um esforço sobre um tentamen legitimo e louvável, uma aspiração sublime.

Condores implumes ell's assentam na matizada planície o voo que mais tarde os deve levar aos altaneiros picaros das elevadas montanhas.

Felizes daquelles cujas alas não são despiedadas pelo raios !

Mas qual a causa dessa indiferença do público?

A nosso ver é a falta da instrução popular.

A instrução é o pão do espírito, é a luz da alma.

Dae, desse pão e dessa luz no povo, que a indiferença fugirá envergonhada a embrenhar-se nas mattas.

Dae, que a vida ephemera e precária dos jornaes litterarios tornar-se-há longa e duradoura.

E aquelles que lutão, embora mesmo vencidos, terão a suprema ventura de verem coroados os seus esforços.

O.

A POESIA

Os gregos, o povo mais culto da antiguidade, cujo saber, cuja ilustração os próprios romanos, seus vencedores, e senhores absolutos do universo veneravam, atribuiriam a invención da — poesia — a Orpheus, Lino e Museu.

Mas este florido padrão de gloria, que elles, levados talvez por um orgulho desmedido, pretendiam reunir a tantos outros, que os inimorralisaram, não lhes foi sancionado pelo juizo justo e imparcial da história e da posteridade.

Em outras regiões e em epochas anteriores às em que floresceram esses personagens já era a poesia cultivada.

Porém a sua origem nos é infelizmente desconhecida : perde-se, envolve-se no tenebroso manto dos tempos.

Parecia que havíamos sido acalentados ao adormecer com o mesmo canto, e com o mesmo canto ao despertar.

Nas tardes de Maio dourava en pelos campos e ao voltar trazia-lhe as nuvens cheias de flores, e os bolsos de nimbo d'ave, que me seguiam, chorando a perda dos filhos que lhe levava.

E ella sentia tanto prazer em tocar-se com as minhas flores ! gostava tanto de criar as aves-ninas que depois se mostravam agradecidas, acarinhando-a e mostrando-a voluntaria e meigamente suas escravas.

A proporção que nossos corpos se desenvolviam, redobrava lá dentro a aflição de irmãos,

Suppõe-se comtudo, que na Índia existiram os primeiros poetas, cujas produções se acham escritas nos Vedas, livros sagrados desta nação.

Mas isto não passa de uma mera suposição fundada na opinião dos ethnólogos, que asseveram nossa raça proceder dos hindus.

O que é certo, porém, e não pode sofrer contestação alguma, é que os poetas tiveram sido os primeiros escriptores de todas as nações.

Antes dos Herodotos, dos Thucydides e dos Xenophontes existiram os Orpheus, os Linos, os Museos, os Homeros e os Hesiodos.

O mágico e esplendente poder da poesia foi conhecido por todos os povos, desde os mais cultos como os hindus, hebreus, gregos e romanos até os barbares como os gauleses e germanos e ainda até mais selvagens como os da África, Polynesia e os aborigenes das duas Americas.

A poesia em sua origem era rude, como os primitivos povos, sem ordem, sem arte e imperfeita ; mas ao mesmo tempo energica, forte e hyperbolica — era a singela expressão das paixões humanas.

Não se tinha captivado ainda ao vil e suro metal, que hoje governa soberanamente o mundo, e a uma vaidosa pretenção de renome e de gloria ; não era um ignobil instrumento, uma miserável especulação ; não incensava, não lisgeava os vícios, as paixões desordenadas e o poder arbitrario dos grandes e dos poderosos.

Não, nobre e sublime, grandiosa e excelsa era a sua missão : — ella cantava as grandezas e louvores da Divindade, as maravilhas magnificas e surpreendentes da natureza, a glória, as façanhas, os illustres feitos dos heróes, o amor, a alegria e a dor.

Nada tinha de artificial e ficticia : era a singela expressão do coração humano.

O. A.

O PANORAMA DA TARDE

(CONTINUAÇÃO)

Gozeiemos por momentos deste quadro enja belleza nos fere a vista.

E a tarde que vem bella é agrodável anunciar-nos a noite ! . . .

Assentado no limiar da porta de sua habitação, um ente contempla absorto as maravilhas da natureza : respeitamos sua contemplação !

Lança de quando em quando um olhar pathético ao espaço que o cerca !

Que vi ?

que agora creio era mais que isto, ainda que pouco para notar-se.

Mais ta rde, sim, quando as paixões fortes germinavam... !

Fazia eu dezoito e ella dezasseis annos.

Era uma tarde de Abril.

Estava tepida, serena e cheia de perfumes ar e a caihandra dava o ultimo adeus ao crepusculo da tarde. — Assentado ao pé de uma fonte cujas bordas malizavam odíferas flores, estava-vamos eu e ella,

Um anno depois, pelo mesmo tempo, uma corda de violetas entrelacadas de perpetuas pendias dos braços de uma cruz, sobreposta a uma sepultura modesta e singular. — Um lanceiro orava ao pé

Uma aureola que parece cingir a terra, um fio de ouro que parece bordar o céo; é o sol que tendo cumprido sua missão diurna dirige-se para o occidente.

Uma area immensa recebe ainda uma claridade tenue dos raios do sol fugitivo : é a tarde que chega e seduz ao contemplativo.

A brisa fresca e amena, vem ligeira e subtil a afagar ao mortal extasiado diante desse quadro arrebatador; os passaros, esses mimos da natureza cruzam felizes o espaço, e os piões sonoros que lhes escapam vem de quando em quando ferir-lhe o ouvido.

Lança mais além suas vistas devoradoras do esplêndido espectáculo que a natureza lhe oferece: que vê ainda ?

Os animaes pastarem alegres e sofregos à espera da noite que se approxima.

As plantas hafejadas pela doce viração da brisa oferecerem suas bastes murchas ao benigno orvalho que as vem aleatar e em sua muda linguagem agradecerem ao Creador !

Que bello, esplêndido e sublime espectáculo não é o da tarde ! murmurou elle.

Quanta beleza, esplendor e magnificencia não oferece a natureza nessa hora em que a noite vem sepultar o mundo em trévas e os duendes passar na escuridão !

Que bello, brilhante e surpreendente panorama não se apresenta então neste zimbório infinito cujo archilio é o Creador !

Tudo é grande na natureza ; variados os seus scenarios e indefiníveis as suas bellezas !

Disse e mergulhou-se de novo em sua contemplação. Maravilha de tanta belleza cabira em profundo silencio em que permaneceu por muito tempo : dir-se-há que dormira.

Passaram-se as horas.

Subito levanta-se, uma escuridão profunda o cercava, olha para o céo e... a noite cabira, no firmamento brilhavam as estrelas !

T. ETRAUD.

Rio, 19 de Agosto de 1878.

PARTE SCIENTIFICA

RABELAIS

(TRADUÇÃO)

I

Michelet pronunciou esta grande e profunda oração : « A renascença marcha com a natureza a qual imita pouco a pouco... Tal é a profunda

com os joelhos no chão, enxugando uma lagrima furtiva que teimosa vinha de quando em quando molhar-lhe as faces.

Era eu.

. . .

Luz que lhe osculaste o semblante de neve, que ella amiguava trato, flores que lhe eram tão caras, echos que lhe repetistes afanos a voz angelica, vós todos que a amavais e a quem ella tambem amava ternamente, soltae, soltae como um tributo um suspiro de amor e saudade por ella. Por ella que rosa na virtude e formosura não viveu mais vida do que a que vivem as rosas.

Rio, 6 de Agosto de 1878.

pintura de Vinci, que primeiro viu o grande pensamento moderno: a aliança universal da natureza... Então começo um mundo de humildade e de sympathia universal. O homem é, em fim, o irmão do mundo. Eis aqui o verdadeiro sentido da renascença: ternura e bondade pela natureza. O interesse dos pensadores livres é o interesse humano e sympathico.

Este revolução da natureza não se operou bruscamente em todas as esferas do espírito. Havia sido preparada nos séculos XII e XIII pelos trabalhos de Abailard, de Reger Baron, pelo livro mystic de Joaquim de Flore. Nas mais profundas trevas da idade-média brilham, aqui e acolá algumas estrelas. Mas quão fraca e vacilante, e quão efêmero não é esse brilho!

Em que caráter reconheceremos a renascença, e como triunfarão definitivamente a razão e a justiça? Em primeiro lugar pela revelação da Itália, quando Carlos VIII, Luiz XII e Francisco I transpuseram os Alpes e pisão a terra das maravilhas antigas. Em segundo lugar, quando Guttenberg, e após ele os Aldo, os Estienne, os Froben iniciaram os philosophos, os jurisconsultos e os poetas. Então aparece o colossal *Corpus juris*. O direito romano ergue-se contra o direito canônico, e a Roma papal é excedida em toda a grandeza do direito humano pela Roma eterna.

Virgílio é impresso em 1470, Ilíada em 1488, Aristoteles em 1498 e Platão em 1512. Aldo em 1508 fez aparecer uma edição completa dos Adagios de Erasmo Froben, de Basileia, os reimprimiu seis vezes, e Budé, o sabio numismático e filólogo, dizia neste livro: « E o tesouro de Minerva, isto dos níveis quem recurso como nas páginas de Sybillia. »

Vê-se, então, claramente que esta antiguidade representada em seu todo pelos Yanotos de Bramardo, de que fala Rabelais, « penteados a cesárea, galantes, vestidos de purpura, syllogizando na pedra philosophal, resumidores, escriptores, copistas, borradores de papel, eservinhadores de pergaminho » era a elegância personificada, a urbanidade, a graça e a beleza. Os jovens estudantes enxamuraram-se desde logo da loura Venus, e os anciãos suspiraram por Minerva ou Hélè. Então nasceu um entusiasmo imenso universal.

Com o mesmo ardor com que Brunelleschi escavava Roma, desenterravam-se as medallhas, o dinheiro, os baixo-relevos e os manuscritos. Por sua vez a França ficou presa da febre sapiente dos Picos de Mirandola, dos políticos, dos Filópulos. Envoltos em seu braço escolástico e fidalgo as armas de Hontero e de Virgilio.

Os impressores eram os profetas dessa resurreição.

Noite e dia, na velha rua de Saint Jean de Beauvais, na praça Bruneau, gemiam os pratos dos Estienne. Ali todos, quer mulher quer homem, trabalhavam; todos vivendo a mesma vida intelectual, dedicados à mesma idéia, partilhando o pão das maravilhas, conmutando na mesa da antiguidade. Os correctores eram os maiores espíritos da época: o grego Lascaris, descendente dos imperadores de Bizâncio; o historiador alemão Rhemes; o aquitano Ranconet, mais tarde presidente do parlamento de Paris; Maserus, a quem Leão X fez arcebispo.

« Posteridade! » dizia Henrique Estienne; tu poderás descansar, nós trabalhamos por ti.

« Dormirás pacífica e feliz depois de nossas vidas. »

E em seu prefácio de Thucydide, dedicado à seu irmão: « Recebe, amigo, o produto do suor que um trabalho aspero tirou da minha fronte durante o rude inverno e as sombrias noites, em que escreviás brando sopro do vento. »

II

Entre tantos homens elevados, devorados pela sede da antiguidade, aluminhados pela luz dos tempos modernos, e que desejam renovar o mundo mergulhando-o nas fontes de Roma e de Atenas, no Tíber e no Ilyssos, desertores da idade-média, soldados da renascença, o maior, o melhor e o mais extraordinário é Francisco Rabelais. Até a embriaguez, beberá elle pela taça cinzelada e profunda da antiguidade; porém, sempre, ainda mesmo nessas sábias orgias gregoromanas conservam o sentimento profundo da vida unica e universal.

Genio verdadeiramente humano, pertence elle a essa raça de raros espíritos da qual disse um crítico:

« No passado grego, depois do grande vulto de Homero, que começa gloriosamente essa família, e que nos dá o genio primitivo da mais bella porção da humanidade, custa a saber-se a quem seguir. » (Saint Beuve, prefácio de Moléire.)

Por mim, em seguiria sem hesitar a Eschilo e Aristophane. O primeiro, figura grandiosa, epica dramática, sacerdotal; o genio da tragédia. O segundo, brilhante, lírico, audaz — a máscara da comédia e da satyrta. Em Roma em não conhecera Virgílio nem Horacio, e ainda menos Ovidio ou Lucano. Virgílio, por maior que seja minha adoração pela sua poesia melodiosa, penetrante, imita Homero na Eneida, nas Bucólicas, o syracusano Theocrito, Bion e Moschos, e Heiode nas Georgicas. Horacio não é mais que um mixto feliz, delicado e agradável de Pindaro e de Anacreonte. Ovidio e Lucano apresentam já os symptomas de decadência. Porem eu contaria entre os semi-deuses da literatura: Plauto e Lucrecio; Plauto, tão grande, tão profundo e diferente de Aristófane; Lucrecio, maior que Heiode « espírito que busca a origem de todo » (V. Hugo). Shakespeare, filósofo, poeta, visionário, e cujo verso parece ser bebião nas propriedades do infinito.

T. Da arte.

(Continua.)

VARIEDADE

EURYDES

EPISÓDIO

Lentamente decedia a tarde, e sol se ocultava por de traz dos montes dando às nuvens um bello cor de rosa, que o proprio pincel de Raphael não poderia imitar.

Imaginai uma verde campina com arvores e arbustos aqui e ali. No meio um ribeira correndo em zig-zag, entrando nella por uma pedra coberta de verdejante musgo. Ao lado uma pequena gruta forrada de pedrinhas multíplices que a espaços recebem gotas d'água cristalina.

Pois bem, é nessa campina que o leitor encontrará, um pouco desviada da gruta, uma choupana.

Está situada no lugar mais bello: dali se desconta um lindo panorama.

A tarde decedia lentamente. Eu passeava nessa campina admirando-a sua beleza, colhendo flores e desfilhando-as por distração.

Assim percorrendo a, cheguei até a gruta. Ali admirava ainda mais a beleza da natureza, e apreciava o monotono murmurio da agua nas pedras que bordavam o seu leito. Estava já por muito tempo contemplando esse primor, quando fui despertado do lechargo, em que me achava, por uma voz que disse:

— Senhor...

Voltei-me e vi junto à mim uma bella joven de cabellos leuros, deixando ver no assentado rosto duas rosas que sobressalham à pelle alva como o leite; cintura tão flexivel como a mais tenra basta de florida vergonha; em si tão delicada e tão bem feita de corpo, que parecia mais um anjo que um ente humano.

Suas vestes indicavam pobreza; as physionomias liam-se alguma cousa de singular; um mistério talvez... Depois de alguns minutos, observando sua comunicação, e vendo que não se altravia a continuas, perguntei-lhe:

— O que senões? Vamos... falt... falt... eu te supplico...

Acabava eu de pronunciar estas palavras, e duas lagrimas rolavam-lhe pelas faces. Ela respondeu-me meigamente:

— É verdade, senhor, sofro muito... Sofro muito, sim!... Venho pedir-vos um auxilio... socorreai minha mãe, que se acha mergulhada na mais profunda agonia... Eu só nada posso fazer... Perdi meu pai há algumas mezes, e minha mãe jáz no seu pobre leito, tormentada pela dor, pela agonia da morte.

— Onde está sua mãe? perguntei-lhe.

— Vamos, para lá vos conduzirei... é naquella cheupana, que se avista além.

Segui-a. Depois de algum tempo de caminhar apressado entravamo juntos na sua habitação.

Logo na entrada havia uma saleta, em que se via alguns trastes irregularmente collacados.

Nessa saleta havia duas portas; uma que dava para os fundos da cheupana e outra para o quarto em que se achava a mãe da formosa desconhecida.

Ao entrar ouvi uma voz sumida:

— Eurydes...

Foi então que soube o nome da desconhecida. A essa voz a bella Eurydes respondeu:

— Minha mãe... aqui estou. E, pedindo-me para seguir-a, rápida entrou no quarto.

— Vem, minha filha, quero abraçar-te... Deos me chama...

Depois de abraçar a filha dormia o sonho eterno.

Seguiu-se um grito de dor...

Era Eurydes que exclamava em delírio:

— Socorro, meu Deus!... tende compaixão de mim... eu fico desamparada...

E as lagrimas cahiam abundantes sobre o cadaver de sua mãe !

Passou-se a tarde. Eu chorava vendo chorar essa virgem: debalde procurei consolá-a.

As lagrimas corriam-lhe pelas nivas faces; os soluços, arrancados do fundo do peito; perdiam-se no espaço; ella apertava contra o seio as mãos do ente que lhe fôra mais caro na vida, e erguendo-se de vez em quando imprimia-lhe um beijo nas frias faces, exclamando :

— Minha mãe, porque me abandonaste ?

Calara a noite e ella « soluçava... Terrível noite para quem fica a sós no mundo !...

Ao longe ouvia-se o pio agoureiro da coruja. Todo era triste e silenciosa !...

Alvorecia... e ella ainda ajoelhada ao lado de sua mãe ! Fui procurar alguém que me ajudasse a dar sepultura ao cadáver.

Voltei, encontrei-a na mesma posição. Vendo que ella não deixava o corpo inerte de sua mãe, um só momento, disse-lhe :

— Escuta... tua mãe dorme o sonno das justas. É na verdade uma dor imensa que te dilacerá.

Mas que fazer ? Deos o quiz !... Consola-te...

— Impossible... não me posso consolar... estou abandonada no mundo !

— Eu te ampararei...

— Obrigada, senhor, sois um anjo enviado a terra por Deus para somorrer-me...

Depois de pequena pausa, continuou :

— Meu Deus, que mal te fiz ?

E, momentos depois, veio a mim que havia mais alguém no quarto, perguntou-me :

— Para que estes homens ?

— O corpo de tua mãe deve ter uma sepultura, disse eu.

E ella delirante bradou :

— Meu Deus !... meu Deus, ampara-me...

Acélio Andrade.

O HOMEM SEM DIREITOS

O homem sem direitos é um espírito abatido, um morto ambulante, um espírito que mette medo. O seu valor é tão baixo que a diversificação é nula.

Se quer dizer que é um espírito abatido, e se abre a boca, é porque quer tecer um discurso, que se toca arduo por pedir alguma dinheiro. Foge-se dele como de um empestado, e é sempre considerado como um peso incômodo à terra. Se tem talento, não o pode desenvolver, e se a sua tem, é olhada como um rótulo avulso, que a intelectualização fazem em excesso que estava da mão humana.

Os intelectos dizem que não tem prestígio. Os mais endebidos sobre este assunto, algum dia, fizeram elogio encoberto os homens, começaram a descrever o despertar pela manhã e a mi-

A necessidade, à noite para a cama. As mulheres o acompanham, na figura; os donos de heres acham que tem que se sustente do que em que mata quer,

ar como camelão, e os alfaiates que se vista como os nossos primeiros pais, com folhas de figueira.

Se quer fazer alguma reflexão, não se lhe presta atenção, e se espírita todos estão surdos. Se precisa alguma causa de qualquer loja, pede-se-lhe primeiro o seu importe, e se tem alguma dívida passa por caloteiro. Se adoece, nunca o médico acha occasião de visitá-lo, e por fim, quando morre, é levado para a vala pelos gatos pingados da Misericórdia.

(Extr.)

POESIA

PALLIDA FLOR

Pallida flor dos perfumados ermos,
Tu, que os misterios da soldão divina
Na corolla modesta e encantadora
Guardas meiga, singela e peregrina,
Me diz, pallida flor: porque sou triste?
Porque no peito meu vagos anhelos
De vagos sonhos estremecem mudos?
Porque, pallida flor dos ermos bellos?
Porque sómente ao alvorecer da vida,
Na minha infância bella e descuidosa.
As alegrias expansivas, francesas
Parar vinham na fronte radiosa?

A's vezes são instantes passageiros,
Lucidos intervallos da tristeza—
Pareço despertar, então minha alma—
Se alegra a pomposa natureza!
No mesmo deslizar desses momentos,
Quando a mente se eleva distraída,
Porque sinto um não sei o que de triste
Anauviar-me a fronte escandecida?
Porque do inverno os gelos resecaram
De minha primavera a c'roa oleosa,
E n'um scismar de angustias pungitivas
A minha alma se engolfa eternamente?

Porque sem dó, sem pena, o desalento,
— Essa chaga asqueirosa, vil, nociva,
Mais pegajenta que as do pobre Lazar,
Corrêe-me a carne e a inspiração alta?
Porque da vida os vendavaes tyraunos
Perpassam sobre os meus tristes cabellos?
Porque sinto tão mago em soffro tanto?
Porque, pallida flor dos ermos bellos?

O. A.

Rio, 1878.

EXCAVAÇÕES REMÍSTAS

I

MAGDALENA

A. A. A. Arejo

Onde lança? Quem quer lançar? Em praça
Vende-se barato do mil a grande arteria,
E Magdalena já foi cortesa e celebre,
E hoje vai tornando nos outros da miseria.
Um, dois, três—Noguera—Tudo silêncio.
Contemplam avilamente a cena da desgraça.
A que punto chegaste tu, oh! Magdalena,
Nem um ceiil por ti offerece a populaçā.

— Ha muitas annos já que é este o meu falario.
Qu'importa? Se as crencas idéas, tão bellas,
Que minha mãe lancou-me no leço de criança,
Repidi-as em aos céos em noites só d'estrelas.

Se quando minha alma e corpo estavam virgen
Dias antes de eu entrar neste martyrio,
Muitas vezes sonhei que um anjo tinha
No meu leito de virgen posto um lyrio.

E à hora em que nascia a luz da madrugada
Eu sabia a colher boinas lá no prado.
Que mais hei de querer? Já fui moi bella, hoje
Mandei rapar o cabello à guisa de soldado.
Foi-se retirando de perto a multidão,
Na face ia lhe o horror de quem vê a miseria,
Atiraram n'um carto o corpo, e seguiu logo
P'r o chão dos hospitais a edição d'Imperio.

Rodrigo M. dos SANTOS JUNIOR.

Rio, 2 de Agosto de 1878.

SONHO DE AMOR

E assim recinada no turbido leito
Sen pallido peito de amores tremia.

VARELLA (NEVADAS)

Tudo era nos ares silêncio profundo,

Também cá no mundo silêncio fazia;
E assim em meu peito reinava uma calma
Por ver una palma, que—Venus—trazia.

Era essa uma palma tão bella e ditsa,
Tão pura e formosa no leito a sorrir;
E tudo em silêncio no mundo, nos ares,
Eu via nos mares as nuvens cahir.

Cheguei-me de manso mais perto—era ella!
Deitada, tão bella, no leito dormia...
E assim reclinada no turbido leito
Sen pallido peito de amores tremia.

Depois de um silêncio reinar em meu peito,
A's dores afetei, mais perto me achei;
Depois um sorriso dos labios partindo,
Assim em sorrindo... Que beijo lhe dei!..

Depois outro tanto silêncio passou-se
E ella indi achou-se mais junta de mim!
Ela era divina, tão pura e formosa,
Qual pallida rosa n'um verde jardim.

Oh! filha das nevadas, formosa dos ares,
Das vagas dos mares rolando na praia!
Einda palhinhas na alvura do leito
E a rosa, sem geita, dos labios desmaia!..
Vem ver estas vagas no leito de espuma
Tentando a lenha quando é pluvial,
Eis surgeem dos mares as neves brilhantes
E via triunfantes p'r o leito brunhal.

E quero cantar te simiente na oxida,
Orixita um gemido ten seio soltar;
E quero no leito da neve brillante
Puxar delicante a ti revelar.

M. quer... la tem n'as ares clamores
Metidos nas molas que no peito sedrem?
Oh! vem quitar-me da leito se regundo,
E' vossa coroa la p'ra o nosso hymeneu.

Oh! vem; vem, minh'alma, never-me não posso!
Um só riso mea ate ven alegrar!..
Desperia-te, oh! virgem! do leito dormente,
E vem; pois, contele comigo brincar.

Assim vozeava meu peito queixoso,
E já esse grito ziga mais esperar;
Ua beijo depõndo nos labios da virgem;
E uma vertigem me vem fatigar.

Depois acordou-se do leito serrindo,
Qual neve caíndo dos céos a brilhar;
Ea via tão linda co' o gesto risinho,
Mas tudo era sonho, que eu via reinar!

AVELLAR ANDRADE.

Typ. COSMOPOLITA rua do Regente n. 31